

UM OLHAR SOBRE O CORPO: O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM QUESTÃO

Lúcia Gracia Ferreira¹,
Cíntia Nólacio de Almeida²
Heber Silva Maia³

¹Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/luciagferreira@hotmail.com.

²Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/cinthianolacio@hotmail.com.

³Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC/ heber_comh@hotmail.com

Resumo: Este trabalho busca refletir sobre o corpo do professor que com a globalização e o advento da revolução industrial, passou a ver seu perfil sendo moldado. Um profissional mais cansado, doente passou a ser freqüente nas escolas, e o mal-estar docente mais proliferado. Então, dar ao professor condições de cuidar de seu corpo físico e mental é dar a ela condições de realizar um trabalho pedagógico melhor.

Palavras-chave: corpo; saúde; professor.

Abstract: This work search to contemplate on the teacher's body that with the globalização and the coming of the industrial revolution, he/she started to see his/her profile being molded. A more tired professional, patient started to be frequent in the schools, and the educational indisposition more proliferated. Then, to give to the teacher conditions of taking care of his/her physical and mental body is to give to her conditions of accomplishing a better pedagogic work.

Key-word: body; health; teacher.

Historicamente, vemos na Revolução Industrial uma transformação nas relações trabalhistas da sociedade que influenciou também os aspectos físicos e psíquicos das pessoas, atingindo, entre outros, os profissionais da educação. A globalização e a competitividade deram, conta de moldar um novo perfil de profissional, mais cansando, confuso e tendo sido acometido pelo mal-estar docente, que são refletidos, muitas vezes, na prática pedagógica. Esses são acometidos por problemas como dores e cansaços físicos e mentais.

Torna-se necessário pensarmos sobre a saúde do professor, pois, segundo Figueiredo, Sol e Moura (2006, p. 161):

Além dos agravos que tingem de forma direta o corpo físico do docente, existem também riscos com relação à saúde psíquica. Deve-se acrescentar que, no caso brasileiro, as avitantes condições salariais que perduram anos seguidos têm repercutido negativamente sobre o nível de renda e de qualidade de vida dos trabalhadores em geral. Todos esses aspectos podem trazer

alterações biopsíquicas para os professores e, conseqüentemente, comprometer a qualidade do ensino e consecução das tão propaladas reformas educacionais.

Mesmo o estresse fazendo, praticamente, parte do cotidiano, esse problema torna-se, muitas vezes grave. O mal-estar se configura como conjunto de emoções e sentimentos exteriorizados pelo indivíduo, que estão interligados diretamente com os valores de cada um.

Ressaltamos a importância de pensarmos no tipo de profissional que queremos para atuar na educação, já que este é, em parte responsável pelas mudanças que tanto almejamos na sociedade. É preciso dar ao professores condições de trabalho, melhores salários, é preciso dar valorização profissional.

Por isso, esse trabalho busca refletir, brevemente, sobre o ser professor nas condições em que lhes são oferecidas e as conseqüências disso para o corpo, já que este se constitui como a dimensão constitutiva desse sujeito na sociedade contemporânea. Conforme Figueiredo, Sol e Moura (2006, p. 162):

O professor se vê as voltas com exigências para as quais só lhe resta contar com seu corpo; neste sentido, ele se torna o único meio de ajuste das necessidades impostas pelo sistema ao seu processo de trabalho. Então, o professor se ancora em um sobre-esforço vocal e é rendido pela restrição do tempo livre para criar estratégias pedagógicas que compensem as dificuldades encontradas no seu cotidiano.

Com as atuais situações do trabalho docente, os professores estão vulneráveis ao sofrimento e estes acabam fazendo um esforço muito grande para suportar e até sentir prazer (se possível) na realização do trabalho docente. Conforme Neves e Silva:

Pesquisas realizadas nesse campo, em diversos países, indicam que a perda (relativa, diríamos) da autonomia e a desvalorização de seu trabalho afetam brutalmente a auto-estima e a identidade profissional, fazendo com que deixe de ser aquela que ensina para transformar-se, principalmente, numa administradora de currículo, o que, de modo recorrente, pode colaborar para uma trabalhadora não ter interesse no que faz, nem prazer nesse fazer (2006, p.69).

Assim, desde muito tempo, esse profissional, devido ao salário, vê-se obrigado a trabalhar mais do que o seu corpo está preparado, ou seja, ele acaba acarretando uma grande sobrecarga de trabalho para conseguir o sustento próprio e familiar. Isso influencia na sua auto-estima.

Ainda tem o fato desses professores, muitas vezes, não terem uma formação acadêmica adequada e se depararem na sala de aula com alunos indisciplinados. A não preparação dos professores para enfrentarem os problemas sociais se constitui como um grande problema causador, também, do mal que vem acometendo essa categoria.

Neves e Silva, referindo-se a uma pesquisa realizada sobre a dor e as delícias de ser (estar) professora, nos resultados da investigação apresentam queixas e relata, entre outros, três fatores.

a precária formação inicial recebida, os ínfimos salários e a falta de compromisso político com a educação. A eles podemos adiantar a constatação de que, por força dos baixos salários que recebem, têm que buscar outro emprego a fim de complementar o orçamento familiar, o que em geral compromete ainda mais a qualidade de seu desempenho (2006, p.68).

Todos esses problemas são, certamente, propiciadores da instalação de doenças que acabam por afastar esses profissionais das suas funções docentes. Essas conseqüências poderão ser percebidas através do corpo, pois este expõe as condições de vida a qual cada ser humano está subjugado. Sabemos que o corpo do professor é templo de todo o seu conhecimento e de suas estratégias de trabalho. Assim, ele precisa desse corpo saudável para conservar sua profissão e manter seu sustento. Entendemos que o bem-estar do professor é necessário já que este profissional é um dos maiores responsáveis pelas mudanças no campo da educação, mas percebemos também que essa profissão é uma das menos valorizadas. Sabemos que o corpo do professor é seu abrigo e condição de existência. Sua possibilidade de experimentar o mundo da vida se dá a partir desta existência corpórea.

As professoras (mulheres) ainda se deparam com os afazeres domésticos para aumento dos problemas corporais. Neves e Silva nos apontam que,

Sabemos que nem todos suportam as dificuldades existentes ou a elas reagem da mesma maneira, pois as pessoas se mobilizam, de modo defensivo (individual e coletivamente), diante da possibilidade de sofrer e de adoecer (DEJOURS, 1992). De acordo com as diferentes formas de utilização da força de trabalho, que neste caso é majoritariamente feminina, e diante do fato de que a maioria dessas professoras tem uma tripla jornada de trabalho (aí incluído o trabalho doméstico), vamos encontrar formas distintas de sofrimento e desgaste, decorrentes do uso deformado e deformante tanto de seu corpo como de suas potencialidades psíquicas (2006, p.69).

Todos os problemas já mencionados contribuem, muitas vezes, para provocar o abandono da profissão. Assim, dar ao professor condições de bem-estar, que implica melhores salários, salas com número adequado de alunos, autonomia profissional e formação acadêmica necessária, significa dar a ele possibilidades de tratar o seu corpo, sua mente, suas emoções com cautela. É possibilitar a ele (em parte) a promoção da saúde corporal e psíquica, a concretude dessa corporeidade.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, A.M; SOL, N.A.A; MOURA,P.S. Saúde do professor em uma perspectiva interdisciplinar. In: FIGUEIREDO, A.M. (Org). **Professor, profissão em três tempos**: gênero, saúde e saber docente. Ouro Preto: Editora UFOP, 2006. p.157-171.

NEVES, M.Y.R.; SILVA, E.S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n. 1, 1º semestre de 2006.